



# LILIAN LEMMERTZ

"Há uma elite acordando  
para o nosso  
cinema"

"Melhor atriz" de 1971 — Prêmio INC e Coruja de Ouro — por sua interpretação em **Cordélia, Cordélia...**, de Rodolfo Nanni, baseado na peça de Antônio Bivar "No Começo é Sempre Difícil, Cordélia Brasil, Vamos Tentar Outra vez", Lilian Lemmertz foi premiada antes pelo INC: "melhor atriz coadjuvante", por sua atuação no filme de Walter Hugo Khouri **O Corpo Ardente**.

Lilian é gaúcha de Porto Alegre, radicada em São Paulo. Com a peça "À Margem da Vida", encenada pelo Teatro Universitário de Porto Alegre, recebeu o prêmio Negrinho do Pastoreio. No início de sua carreira, também foi premiada no Festival Nacional do Teatro do Estudante, destacando-se em "A Bíblia Quebrada". Transferiu-se para São Paulo a convite de Cacilda Becker. Entre outros prêmios de teatro, recebeu o Saci (do jornal "O Estado de São Paulo"), por atuação em "Quem Tem Medo de Virgínia Wolf?", e o Governador do Estado (SP) por seus trabalhos em "Dois na Gangorra" e "O Que Vamos Fazer Esta Noite". No cinema, depois de **O Corpo Ardente**, atuou em **As Cariocas** (1º episódio, dirigido por Fernando de Barros), 1966; **Elas**, de José Roberto Noronha, 1970; **Cordélia, Cordélia...**, 1971; **Barão Olavo**, dirigido por Júlio Bressane, e **As Deusas**, de Walter Hugo Khouri, 1972. Atua, no momento, como protagonista da telenovela "O Tempo não Apaga".FC



Lillian Lemmertz — da esquerda para a direita: *Corpo Ardente*; *Cordélia, Cordélia...*; *As Deusas*



Filme Cultura — Embora você tenha conquistado vários prêmios, a Coruja de Ouro é o que está alcançando maior repercussão. Como você vê este prêmio?

Lillian Lemmertz — Eu estou fazendo telenovela e a emissora promoveu bastante o prêmio. Mas acho que os Prêmios INC cresceram em impacto, em prestígio. Sob o ponto de vista material também cresceram. De 1965, quando ganhei o de "melhor atriz coadjuvante" (Cr\$ 500,00), até hoje, os prêmios também multiplicaram seu valor pecuniário. O de "melhor atriz", por exemplo, subiu de Cr\$ 1 mil para Cr\$ 12 mil. Acho desagradável, por exemplo, o que acontece num festival como o de Brasília, onde só diretores e produtores recebem estímulos financeiros.

FC — Você contava com a Coruja de Ouro?

LL — Eu não. Mas os meus colegas de televisão contavam. É que, muitas vezes, eu andava meio 'sonada', com os olhos meio fechados. Aí passaram a me chamar de Corujinha ou de Coruja Angélica, e bem antes de tomarem conhecimento da indicação de meu nome como candidata. Diante da coincidência eles faziam fé.

FC — Como você se profissionalizou como atriz?

LL — Cacílda Becker e Walmor Chagas me viram fazendo teatro amador em Porto Alegre e me trouxeram para São Paulo, onde estreei na peça 'Onde Canta o Sabiá'. Pouco depois, o Walter Hugo Khouri me convidou para a personagem que Odete Lara viveu em **Noite Vazia**. Recusei: eu ainda estava começando e achei o papel muito grande para mim.

FC — Você se considera, no cinema, atriz de uma determinada linha sofisticada?

LL — Não. Em *As Cariocas* eu era uma grã-fina fútil. Em *Cordélia, Cordélia...* e em *As Amorasas*, não. Talvez me considerem atriz de determinada linha por trabalhar frequentemente com o Khouri. Mas, amanhã, se me convidarem, faço uma retirante. Não nordestina, é claro; mas alemã, catarinense. Já em *As Deusas*, o mais recente filme do Khouri, a personagem é bem diferente. Faço um ótimo papel de composição, uma "neurótica inversa". É uma neurótica que vai se "desneurotizando".

FC — Você não se assusta com a responsabilidade de atuar num filme de apenas três personagens, como *As Deusas*?

LL — Não. Eu não me "incuco" muito para fazer cinema. Tendo confiança no diretor, a gente vai de olhos fechados. Em com o Khouri não há problema.

FC — Das personagens que interpretou, qual ou quais prefere?

LL — Sempre gosto do último filme que fiz. Gostei de *Cordélia, Cordélia...*, agora gosto de *As Deusas*. Em cinema, acho que não fiz nada "furado". Por outro lado, a gente faz um filme e acabou. O teatro é de repercussão imediata, depende da imediata adesão do público. Filme é para depois e a gente se desliga.

FC — Você tem métodos para atuar em cinema, teatro, TV?

LL — Método só complica a vida da gente. "Chaves" para interpretação, não tenho.

FC — Mas há muita diferença entre atuar em cinema, em televisão e em teatro.

LL — Cinema exige tempo maior e pode haver mais elaboração. Prefiro o

cinema à TV. Raramente faço telenovelas e, no início, tenho dificuldades para decorar, mas depois "engreno". Prefiro o cinema. Mas é difícil conciliar as três atividades. Quando filmei *As Deusas*, fazia teatro simultaneamente. Era uma correria. Em teatro, a distância da plateia permite disfarçar com a maquiagem. Já em cinema, não. Um cansaço a mais pode ser fatal. O ator precisa se apresentar com a cara descansada em frente à câmara.

FC — Em sua opinião, o que falta ao cinema brasileiro?

LL — Não sei. Vendo a entrega dos Prêmios INC no Rio fiquei impressionada com a coletânea de trechos de filmes brasileiros que foi projetada, assim como com a qualidade e a quantidade da produção. O cinema brasileiro não está tão por baixo, como dizem alguns. A Florinda Bolkan tinha razão quando disse que a gente tem que se impor. Mas, internamente, acho que é um problema de cultura geral. Daí, os filmes com Mazzaropi e Roberto Carlos fazerem sucesso e outros, melhores, não. Mas acho que há uma elite acordando e vendo o que o cinema brasileiro está fazendo.

FC — Quais são os seus planos para o momento?

LL — Serei mais criteriosa na escolha de peças no teatro. Agora só farei peças boas, ainda que não levem muito público. É difícil conciliar TV com cinema e teatro: a telenovela vem me absorvendo. Por isso, recusei um ótimo argumento cinematográfico, baseado no romance "A Selva", de Ferreira de Castro, a ser filmado no Amazonas. Mas posso fazer cinema em São Paulo mesmo estando vinculada à televisão.